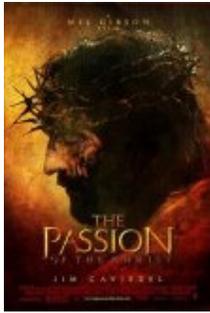


A Paixão de Cristo: era necessária?

por Paulo Faitanin – UFF



1. Ficha técnica: Título Original: *The Passion of the Christ*. Gênero: Drama. Tempo de Duração: 126 minutos. Ano de Lançamento (EUA): 2004. Site Oficial: www.lapassion.com Estúdio: Icon Productions / Marquis Films Ltd. Distribuição: 20th Century Fox / Icon Entertainment International. Direção: Mel Gibson. Roteiro: Mel Gibson e Benedict Fitzgerald. Produção: Bruce Davey, Mel Gibson e Stephen McEveety. Música: John Debney. Fotografia: Caleb Deschanel. Desenho de Produção: Francesco

Frigeri. Figurino: Maurizio Millenotti. Edição: Efeitos Especiais: Keith Vanderlaan's Captive Audience Productions. Elenco: James Caviezel (Jesus Cristo), Maia Morgenstern (Maria), Monica Bellucci (Maria Madalena), Hristo Jivkov (João), Hristo Shopov (Pôncio Pilatus), Rosalinda Celentano (Satã), Francesco Cabras (Gesmas), Claudia Gerini (Esposa de Pilatus), Sergio Rubini (Dismas), Danilo Maria Valli (Lázaro), Matti Sbraglia (Caifás).

2. Sinopse: Uma narrativa sobre as últimas doze horas de vida de Jesus Cristo (Jim Caviezel), antes de sua crucificação.

3. Questão: Esta narrativa para muitos sugeriu, ao menos, uma dúvida acerca da necessidade da paixão de Cristo, retratada com, na opinião de alguns, 'excessiva violência'. Não existe violência em excesso, pois toda violência é um excesso. Contudo, como veremos abaixo, nenhuma superou a violência que sofreu Cristo em seu calvário e morte de cruz. Filme polêmico, mas de grande importância para lembrar o mistério da paixão de Cristo. Livros e mais livros, reportagens e mais reportagens foram publicadas. Recentemente apareceu uma versão brasileira do já muito debatido livro editado por William Irwin e Jorge J. E. Gracia [*A Paixão de Cristo Mel Gibson e a Filosofia*. São Paulo: Madras, 2004]. Não nos deteremos nas questões do livro, apesar de muito discordar de alguns aspectos. Deter-nos-emos na questão teológica, sob o ponto de vista de São Tomás de Aquino na *Suma Teológica*, III, q. 46, a. 1-12.

4. Análise: Era necessário Cristo ter sofrido pela libertação do gênero humano, mas não por uma necessidade de coação, pois Cristo sofreu por vontade própria. Era necessário por necessidade de fim, ou seja, para sermos libertados do pecado, para que se desse a Cristo a glória da exaltação pelo

abatimento da paixão e para que se cumprisse a palavra de Deus que nos prometera dar-nos seu Filho para a nossa salvação [*Sum. Theo.* III, q.46, a.1, c]. Não faltando outro modo possível para libertar-nos, este, o da paixão, foi o melhor e próprio da dignidade divina [*Sum. Theo.* III, q.46, a.2, c] e o mais conveniente [q.46, a.3,c.]. Desta conveniência segue-se que foi convenientíssimo que Cristo sofresse na cruz, como exemplo de virtude, porque era de máxima conveniência para satisfazer o pecado de Adão e preparar-nos para o caminho estreito da salvação que supõe, no modelo de Cristo, amar o sofrimento, enquanto encontro com Cristo [q.46, a.4,c.]. Quanto ao gênero, Cristo suportou todo sofrimento humano [q.46,a.5,c.], tendo sido a dor da paixão de Cristo maior que todas as outras dores [q. 46, a.6,c.], porque o sofrimento atingiu o corpo e toda a alma no que se refere ao que padeceu por conta do seu sujeito, embora em sua razão superior se regozijava por ater-se à vontade de Deus. [q.46,a.7,c.], sendo capaz por estas potências superiores, no momento da paixão, ter gozado da bem-aventurança [q.46,a.8,c.]. E sofreu na plenitude dos tempos e no tempo oportuno, segundo à sua vontade, pois a sua paixão, por ser livre, dependeu de sua vontade [q.46,a.9,c.] e no lugar conveniente, Jerusalém [q.46,a.10,c.] e entre os ladrões, por uma razão, segundo a intenção dos judeus [para que participasse da suspeita que sobre eles recaíam], e, por outra razão, segundo a intenção de Deus, para que de maldito da cruz passasse a ser o desígnio da nossa salvação [q.46,a.11,c.]. Por fim, a paixão de Cristo foi sentida na carne porque não padeceu a divindade o que não lhe era próprio. Portanto, a paixão de Cristo é própria do suposto da natureza divina, em razão da natureza passível que foi assumida, mas não em razão da natureza divina, que é impassível [q.46.a.12,c.]. Donde se conclui que era necessária a paixão de Cristo, como remédio para a nossa salvação.